

DOCÊNCIA: UM ESPAÇO PARA A APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Ediana Maria Noatto Beladelli ¹
Franciele Taís de Oliveira ²
Eliane Maria Cabral Beck ³

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade refletir sobre como é possível, a partir de um grupo de estudos, intitulado “Café Pedagógico: provocações pedagógicas sobre a profissão nossa de cada dia”, desenvolver práticas de formação reflexiva. Pensado como projeto de extensão, o grupo heterogêneo formado por estudantes de Licenciatura, alunos do Curso de Formação Docente, professores da Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior se propôs a pensar a profissão professor a partir da realidade vivencial e entender a pesquisa e o ensino como processos inerentes ao trabalho docente. Heterogêneo em relação à formação, mas homogêneo no que se refere à busca pelo conhecimento, à caracterização de uma *comunidade* de pessoas, e à necessidade de partilhar uma *prática*. Os temas são propostos pelo próprio grupo e há uma liberdade para a discussão, elemento fundamental para sua constituição, considerando apenas como núcleo norteador eixos relacionados ao ser professor, a formação profissional e o processo de profissionalização docente, a natureza do trabalho pedagógico e sua função social. Essa iniciativa busca mobilizar a capacidade de pensar a profissão e trazer o professor para dentro dela (Nóvoa, 1999), de modo que as discussões sejam com os professores e não sobre eles.

Palavras-chave: Docência, Grupo de estudos, Formação profissional.

INTRODUÇÃO

Percebe-se, nas discussões sobre a Docência de forma geral, que é consenso o entendimento de que essa é uma prática constituída pelo processo de ensino e aprendizagem como elementos fundamentais. No sentido etimológico, docência tem suas raízes no latim, *docere*, que significa ensinar, instruir, mostrar, dar a entender e o termo *docere* articula-se com *discere*, que significa aprender (Veiga, 2006).

Nessa perspectiva, a docência, é entendida como o exercício do magistério voltado para o ensino e a aprendizagem, se constituindo como a atividade que caracteriza a profissão docente. No sentido formal, docência é o trabalho dos professores, o que implica dizer que é

¹ Licenciada em Pedagogia. Doutoranda em Educação – UFPR. Docente do Curso de Artes Visuais – Uespar/Facitec. Docente do Curso de Formação de Docentes – SEED, edianabeladelli@hotmail.com;

² Licenciada em Matemática - UNIOESTE. Mestre em Educação Matemática – UNESP. Docente do Curso de Administração, Ciências Contábeis e Artes Visuais – Uespar/Facitec, francieleoliveira@hotmail.com;

³ Doutora em Letras- Universidade Estadual do Oeste do Paraná- Unioeste. Coordenadora do Curso de Artes Visuais – Uespar/Facitec, eliane.c.b@uol.com.br;

uma prática específica da profissão professor e por assim ser demanda entendimento sobre sua finalidade e especificidade formativa.

A atuação como docentes tem provocado inúmeras indagações sobre a complexidade do trabalho do professor, sobre o que é ser professor e sobre a formação necessária ao exercício da docência como prática específica da profissão professor. Tais indagações mobilizaram o desejo de constituir uma comunidade de aprendizagem docente a partir de uma discussão coletiva entre os sujeitos do processo educativo, envolvendo professores, alunos e representantes da comunidade escolar para além de um momento de estudo institucionalizado. E a partir dessa mobilização, em 2017, foram convidados alguns professores e alunos da educação básica e superior, apresentada a proposta e iniciados os trabalhos de estudo.

Um dos objetivos é constituir espaços de socialização do pensar e fazer docente nas esferas da escola (considerando o olhar do professor, do aluno e da comunidade escolar), buscando estabelecer uma conversa entre os sujeitos do processo educativo, focando nas experiências desses sujeitos e na provocação da pesquisa como processo metodológico de formação docente, priorizando o espaço de provocação, a fim de mobilizar a capacidade de pensar a profissão, e de trazer o professor para dentro dela (NÓVOA, 2000) e de olhar para a escola como espaço de formação docente.

O PROCESSO CONTÍNUO DE FORMAÇÃO

A formação docente constitui-se em uma temática de significativas discussões no contexto educacional, apontada nas produções de muitos autores, entre eles Freire (1996), Zabalza (2004), Nóvoa (2002), Tardif (2002, 2010), Tardif e Lessard (2000) Cunha (1998, 2010); Veiga (2000, 2005, 2006, 2008, 2009), Veiga e Ávila (2013). As discussões apontam a necessidade de pensar a formação docente como um processo de desenvolvimento dos saberes necessários ao exercício da docência como prática específica da profissão professor. Reconhecendo a complexidade que perpassa esse processo e os elementos que a constituem.

Nesse sentido, entende-se a formação como processo de profissionalização docente, que em acontece por meio de duas formas específicas: formação inicial e formação continuada. Inicial por ser voltada à formação de base, que habilita o profissional a exercer a função docente, e continuada por se constituir como processo inacabado, inconcluso que não “cessa, que se refere a algo ou cuja construção é permanente” (FÁVERO; TONIETO, 2010, p. 56), que parte do pressuposto que “aprender não termina nunca, um *continuum* que simboliza o eterno movimento” do processo de formação (MIRANDA, 2012, p. 29).

Formação nessa perspectiva é um movimento constante que envolve um emaranhado de situações que perpassam a profissão docente. Não se limita apenas ao processo de treinamento, capacitação, habilitação ou qualificação, nas envolve tudo isso em um contínuo movimento de formação. E como movimento, a formação é inerentemente um processo, com rupturas e mudanças, que envolvem o componente pessoal e social, considerando que a formação pode ser entendida como uma função social e como um processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa (GARCIA, 1999).

O professor, denominado ora educador, ora mediador, tem ocupado, ao longo dos tempos, a posição daquele que transmite saberes, valores e comportamentos. Essa posição tem sido discutida, mais veementemente, nos últimos anos, após a criação de universidades responsáveis pela formação desses profissionais. Neste processo de formação algumas representações do que seja ser professor, qual seria o lugar do aluno, o que é uma sala de aula e currículos, são recorrentes nas discussões e nas leituras apresentadas em semanas pedagógicas, salas dos professores, textos disponibilizados por secretarias, entre outros.

Porém, nem sempre há espaços possíveis de se discutir ou pensar a profissão professor por ele mesmo, a partir de suas angústias e daquilo que ele sente necessidade. Entender suas representações, sua posição e as condições em que seu discurso é proferido e, principalmente, entender-se como representante de lugares determinados numa formação social.

Ao propor diferentes discussões sobre sua profissão, é possível entender que o discurso dos professores está inserido em campos de saberes específicos da ciência, como cita Maingueneau (2008), que não são ilhas e que fazem parte de uma prática discursiva, em que enunciados se opõem, se aliam e se contradizem. Ao mesmo tempo, este discurso também está inserido nos saberes do senso comum, do cotidiano e do que é apreendido na prática humana diária.

Assim, o sujeito não nasce professor; ele se forma nas relações sociais, nas práticas de formação, de cursos, de debates, enfim: de inúmeras atividades de que participa ao longo da vida. Mas muitas vezes, se desespera diante dos problemas que encontra no caminho de sua profissão e se vê diante de um discurso que o coloca como centro do ensino e, ao mesmo tempo, o atrela a uma prática que não permite que avance ou que apresente novas formas de ensinar.

E assim, acaba se encaixando na estrutura escolar vigente, que diz que o objetivo do professor, ao assumir uma disciplina e ir para a sala de aula, espaço onde se dá o trabalho docente, apenas para repassar informações e transmitir conhecimentos científicos, que estão de acordo com os programas pré-determinados. Esta visão, ainda é reforçada em reuniões, encontros e palestras direcionados para a formação de professores, nas quais perpassam vozes

e dizeres (MEC, UNESCO, etc.), com propostas de práticas para os professores, que, supostamente, podem ser aplicadas.

Discussões, tendo por base pesquisas desenvolvidas por instituições superiores sobre o trabalho do professor, são comuns nos momentos de reuniões e encontros dos professores. Estas pesquisas, em sua maioria, indicam as mazelas do ensino, as falhas na aprendizagem ou nas metodologias de trabalho, reforçando o papel do professor como responsável pelo processo de ensinar.

Fala-se do professor e não com o professor. Isso se deve, em grande parte, às mudanças ocorridas sobre o papel do professor na escola. Se, por um lado, os cursos de licenciatura, nas diversas áreas, se expandiram pelo país, por outro, tornaram-se mais curtos, sem a preocupação com uma proposta efetiva de aprofundamento científico. Houve uma preocupação mais quantitativa do que qualitativa, o que propiciou uma separação do que se propunha teoricamente com a prática, ou seja, a formação dos professores se pautou em teorias do papel do professor, do papel do aluno e das tendências pedagógicas existentes, deixando de lado as práticas de sala de aula, das propostas de ensino para um número cada vez maior de alunos por sala, a elaboração de currículos e as discussões sobre o papel da escola numa sociedade capitalista.

Não tendo tempo para registrar as experiências adquiridas ao longo do tempo ou de momentos para analisar seu papel no processo educativo, os professores acabam sendo interpelados por discursos externos que lhe dizem o que são e o que devem fazer. Para Nóvoa (2009), enquanto, de um lado, fala-se da autonomia dos professores, por outro, a sua ação é controlada por diversas instâncias e isso se dá pela emergência de novas formas de governo e de controle da profissão.

É preciso, portanto pensar esse processo de formação para além desses discursos. Entender que a instituição escolar é composta de professores e alunos e vice-versa e estes são compostos das inúmeras redes discursivas que os formaram e formam. O que dizem é resultado de seu processo de formação via instituição e esta se formou a partir de processos discursivos. Se a escola existe e sempre existiu, é porque há relações sociais que a sustentam, práticas sociais que a viabilizam desde sempre e formações discursivas que a institucionalizam.

Refletir, portanto, sobre as práticas cotidianas da escola, da sala de aula, dos conteúdos trabalhados de forma grupal, sem imposição (os integrantes do grupo em questão, são convidados), permite um avanço e uma proximidade com a profissão professor muito maior do que algo institucionalizado e passa a ser uma conversa entre os pares, tomar um café e discutir, dando a todos, a oportunidade de falar e repassar suas experiências, suas dúvidas, suas angústias.

UMA PROPOSTA PARA PENSAR A PROFISSÃO PARA ALÉM DOS DISCURSOS INSTITUCIONALIZADOS

Campos (2007), em suas discussões sobre o trabalho docente, o apresenta como complexo, interativo e prático. Define-o pelas relações que se estabelecem em sala de aula como uma relação dialógica e comunicativa entre sujeitos – professor e aluno – em torno do processo de ensinagem e aprendizagem. Afirma, ainda, que essas relações são construídas na vivência pela troca de experiências, de confrontos, de conflitos e de reciprocidade. Nessas relações, são forjados sentidos, identidades, crenças, afetividades e sentimento de comunidade.

Entende-se, portanto, que o ser professor não acontece num espaço de três ou quatro anos, em um curso de licenciatura. É um processo que ocorre ao longo da profissão, nas relações estabelecidas no decorrer do tempo.

As Instituições de Ensino Superior propõem sem seus Programas de Desenvolvimento Institucionais os chamados Grupos de Estudo formados por professores e estudantes que objetivam, em conjunto, compreender um determinado assunto, sem a obrigatoriedade de publicação científica e seguimento de uma linha de pesquisa. Porém, o trabalho aqui desenvolvido vai para além dessa proposta.

A perspectiva de trabalho proposta se caracteriza como uma Comunidade de Prática (CoP). Conceito cunhado por Etienne Wenger para designar um grupo de indivíduos que possuem interesse numa determinada área e se reúnem para discutir suas abordagens e práticas de trabalho (WENGER, 2000). De acordo com Wenger, McDermott e Snyder (2002), a constituição de uma CoP deve levar em consideração três aspectos fundamentais: um *domínio* de conhecimento, uma *comunidade* de pessoas, e uma *prática* compartilhada.

O contato pessoal que as comunidades de prática possibilitam é essencial para a troca de ideias baseadas em experiências de trabalho concretas. A informalidade e a participação voluntária estimulam a sinergia entre os individuais, e conseqüentemente a aprendizagem. Além disso, a estrutura de funcionamento de uma comunidade de prática estimula o conhecimento em grupo (PERSAUD *et al*, 2001).

Para que se caracterize como uma CoP, é essencial que haja coerência nas negociações estabelecidas pelo grupo. Wenger (1998) propõe três dimensões como fonte de coerência de uma CoP – *Engajamento/compromisso mútuo*, *empreendimento articulado/conjunto* e *repertório compartilhado* –, que são mobilizadas com vistas à aprendizagem coletiva.

Para que essas dimensões sejam alcançadas, acredita-se que o engajamento e compromisso dos integrantes do grupo devem ser sempre mobilizados, já que os encontros ocorrem aos sábados, dias que são dedicados ao descanso e a outras atividades fora do ambiente de trabalho. Por isso o objetivo de alcançar o conhecimento de forma coletiva deve ser claro para todos.

Além disso, o empreendimento coletivo está na discussão de temas voltados para “a profissão nossa de cada” em todos os seus aspectos, naquilo que é inerente à profissão professor e às questões que a envolvem.

Em relação ao repertório compartilhado, há uma série de temas que o grupo, em suas práticas, seja na escola como pedagogo, como professor, como pesquisador ou como estudante, produzem ou adotam em seu processo de formação, que são trazidos à tona durante as discussões, já que os temas são levantados pelo próprio grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a apresentação dos resultados e discussão adotou-se uma abordagem qualitativa. Em relação ao escopo, a pesquisa é classificada como um estudo de caso, considerando que se busca relatar as atividades desenvolvidas por um Grupo de Estudo denominado Café Pedagógico, em um período de três anos de sua existência, visto como uma comunidade de prática, que possui como principal interesse a formação reflexiva sobre a profissão. Busca-se, neste relato, apresentar algumas mudanças percebidas nos integrantes, a partir das discussões efetuadas no grupo.

Atualmente, o grupo “Café Pedagógico: provocações sobre a profissão nossa de cada dia” constitui-se em um espaço aberto, democrático, coletivo centrado em discussões provocativas sobre a escola e a universidade como espaço de formação, o trabalho docente, a sala de aula, a aula, o processo de ensino e aprendizagem, o aluno, e todos os temas que permeiam a educação. É constituído por professores universitários, professores da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio), das mais variadas áreas, alunos de graduação e alunos do Curso Formação de Docentes em nível médio.

As temáticas são selecionadas a partir dos anseios de estudo do grupo e a cada encontro um grupo menor se responsabiliza pela discussão. Os encontros acontecem mensalmente, aos sábados, das 8h30 às 11h30, nas dependências da União de Ensino Superior do Paraná – Uespar/Facitec. O grupo está organizado como projeto de extensão, sem fins lucrativos, sendo o único custo dos participantes, o certificado anual.

Os temas são propostos pelo próprio grupo e são decorrentes das discussões suscitadas. Iniciou-se, por exemplo, com a leitura de alguns textos de Paulo Freire em Pedagogia da autonomia e o texto Professores: imagens do futuro presente de António Nóvoa, estabelecendo contrapontos entre ambos. Uma equipe do grupo foi responsável pela apresentação das principais ideias discutidas pelos autores e um integrante do grupo maior, geralmente a coordenadora, faz uma síntese do debate, focando nas questões que surgem, o que não é “respondido”, o que suscita dúvidas, o que provocou mais questionamentos diante do debate sobre os autores.

Ao término da apresentação e da conversa, a coordenadora geral do grupo, com base em suas anotações e dos demais integrantes, discute os pontos que ficaram em suspenso e convida uma outra equipe para, no próximo encontro, conduzir o debate. No caso relatado acima, para o encontro seguinte foi proposta a leitura da obra de Paulo Freire: Educação e Mudança e Conversa com um jovem professor de Leandro Carnal.

No decorrer desses três anos, já foram lidos e debatidos vários autores e temas, que permitiram pensar a profissão professor, o papel da escola, o papel do aluno, dos conteúdos, entre outros. Na organização das equipes, não há uma divisão entre disciplinas ou professores, acadêmicos ou estudantes do ensino médio, esta se dá aleatoriamente de acordo com o que chama mais atenção em relação ao tema a ser debatido.

A partir do grupo algumas mudanças já foram constatadas. Uma delas foi o envolvimento das alunas da Educação Básica com o processo de pesquisa, foram três trabalhos elaborados pelas alunas do Curso Formação de Docentes e apresentados em eventos científicos, dois em forma de resumo e um em forma de artigo completo e comunicação em um evento internacional sobre educação. O fato de essas alunas participarem de discussões sobre o processo de formação profissional, envolverem-se nos debates, ouvirem experiências de pesquisas, fez com que olhassem para o próprio processo de aprendizagem e buscassem espaços para divulgar suas impressões por meio de eventos científicos.

Outro resultado significativo se relaciona ao incentivo dos alunos da Educação Básica a prosseguirem com os estudos. A primeira turma do curso Formação de Docentes formada nessa perspectiva fez toda a diferença no que se refere à inserção no ensino superior. No ano de 2018, de doze formandos, sete estão cursando Ensino Superior, desses, quatro em instituição pública. Do total, seis fazem licenciatura e três já atuam como professoras da Educação Infantil. Uma dessas alunas segue no grupo como pesquisadora.

Em relação ao curso de Licenciatura em Artes Visuais ofertado pela faculdade, na qual o grupo realiza seus encontros, houve uma modificação na forma como o Estágio

Supervisionado é realizado. Além de iniciar já no primeiro ano do curso, há um acompanhamento mais próximo desse estagiário que vai para a sala de aula. Busca-se trabalhar o processo de formação a partir do tripé: instituição superior, que repassa os conhecimentos necessários para a qualificação profissional, a escola vista como espaço de estágio e o estagiário como ser humano em processo de formação.

Assim, a partir do grupo de estudos a faculdade repensou sobre o seu papel formativo dialogando com a escola sobre a formação dos egressos. Outro ponto de avanço centra-se no processo de melhoria das práticas pedagógicas dos participantes e no processo de reconhecimento da importância do papel do professor na construção de novas formas de pensar, sentir e fazer sua profissão, atrelando ensino e pesquisa como elementos inerentes ao trabalho docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Garantir momentos para discutir a profissão sem injeção de teorias, de conceitos e de posições (espaço aberto) a fim de pensar sem rótulos teóricos (apenas apontamentos para estudos) sobre a existência profissional, tem sido importante para o reconhecimento do trabalho docente como processo de formação humana, pautado no desejo de tornar, por meio da educação, a vida melhor. No grupo todos são importantes, ninguém sabe mais e nem menos, só possuem conhecimentos e formação diferentes e que a partir da socialização permitem aproximações. Cada um constitui-se uma peça do mesmo quebra - cabeça e juntos formam o que Cortella (2008) chama da mais grandiosa de todas as obras, o ser humano.

Acredita-se que o grupo consiste em um espaço de formação continuada de suma importância e que tem a compreensão de formação como sendo a busca constante de melhor versão de cada um. Acredita-se que o professor é um curador, tudo o que ele diz e faz pode mudar o percurso de uma vida. Não se quer deixar fazer autópsia do ser professor, pois é momento de biopsia, é preciso curar as mazelas e resgatar a beleza, a alegria e a nobreza da profissão e isso só acontecerá por meio de todos e juntos.

Parte-se do pressuposto que formação é movimento/ processo, reafirma-se, portanto, a necessidade de continuar a movimentar-se e a se construir diariamente por meio da busca pela aprendizagem e profissionalização docente. Acredita-se, pois que não existe um professor ideal, uma escola ideal ou um aluno ideal, mas que fundamentalmente é indispensável existir um professor com ideal, uma escola com ideal e um aluno com um ideal. E isso só é possível se a

formação for de fato permanente para acompanhar as mudanças que permeiam a escola e os sujeitos que a constituem, em seu tempo e espaço social, histórico, cultural e político.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, C.de. M. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CORTELLA, M. S. **A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 12 ed. São Paulo – SP: Cortez, 2008.

FÁVERO, Altair Alberto; TONIETO, Carina. **Educar o educador: reflexões sobre a formação docente**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

GARCIA, MARCELO CARLOS. **Formação de professores para uma mudança educativa**. Portugal: Porto editora, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. (Trad. Sírio Possenti). Curitiba: Criar Edições, 2008.

MIRANDA, Simão. **Como se tornar um educador de sucesso: dicas, conselhos, propostas e ideias para potencializar a aprendizagem**. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

NÓVOA, A. et al. **Profissão professor**. 2 ed. Porto – Portugal: Porto Editora, 1999.

PERSAUD, A.; KUMAR, U.; KUMAR, V. **Harnessing scientific and technological knowledge for the rapid development of global innovations**. *Engineering Management Journal*, 13(1), 2001.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Docência Universitária na Educação Superior**. In: RISTOFF, Dilvo; SEVEGNANI, Palmira (Orgs.). **Docência na Educação Superior**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006. XX p. – (Coleção Educação Superior em Debate; v. 5).

WENGER, E. **Communities of practice and social learning systems**. *Organization*, 7(2), 2000.

WENGER, E.; McDERMOTT, R.; SNYDER, W. M. **Cultivating communities of practice**. Boston: Harvard Business School Press, 2002.